

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**ANÁLISE DE VARIANTES E VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NAS MODALIDADES
ESCRITA E ORAL NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS NOS ANOS FINAIS DA
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO LEOPOLDO NA
LOCALIDADE FAXINA/RS**

FRANCILENE CEZAR GONÇALVES

**Jaguarão/Polo Sant'ana do Livramento
2021**

FRANCILENE CEZAR GONÇALVES

**ANÁLISE DE VARIANTES E VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NAS MODALIDADES
ESCRITA E ORAL NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS NOS ANOS FINAIS DA
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO LEOPOLDO NA
LOCALIDADE FAXINA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aden Rodrigues Pereira

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

G635a Gonçalves, Francilene Cezar

Análise de variantes e variáveis linguísticas nas modalidades escrita e oral nas produções dos alunos nos anos finais da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Leopoldo na localidade da Faxina/RS / Francilene Cezar Gonçalves.

55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.
"Orientação: Aden Rodrigues Pereira".

1. Alunos. 2. variantes. 3. entrevistas. 4.
resultados. 5. escola. I. Título.

FRANCILENE CEZAR GONÇALVES

**ANÁLISE DE VARIANTES E VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NAS MODALIDADES
ESCRITA E ORAL NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS NOS ANOS FINAIS DA
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO LEOPOLDO NA
LOCALIDADE FAXINA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras -
Português EaD, da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em
Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Aden Rodrigues Pereira
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Denise Aparecida Moser
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Maria do Socorro de Almeida Farias Marques
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais, meu irmão e meu namorado que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr.^a Aden Rodrigues Pereira que, como minha orientadora, conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

Aos professores da Unipampa do Curso de Letras -Português, modalidade a distância, agradeço às correções e aos ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho foi instigado pela aprendizagem adquirida pela autora durante o curso de Letras – Português e sob o olhar investigativo da pesquisadora que já atua na escola como professora e observava as variáveis existentes que chegavam à sala de aula através da fala e que, muitas vezes, repercutia na escrita dos alunos. Assim, este trabalho trata de investigar a existência da interferência das variantes e variáveis faladas pelos estudantes, bem como em suas produções escritas, e também uma entrevista com a professora de Língua Portuguesa para comparar as possíveis variações encontradas na comunicação dos alunos e como a professora titular da turma procura trabalhar com essas variações. A análise foi feita a partir das teorias que tratam das variações em um contraponto com as entrevistas realizadas. As entrevistas e a produção textual foram feitas com 30 alunos dos anos finais do ensino Fundamental da Escola Municipal São Leopoldo, localizada em Sant'Ana do Livramento/Faxina/RS. Das entrevistas e dos textos, foram escolhidos 5 de cada modalidade para que pudesse transcrever e observar as possíveis variações. A partir da análise dos resultados foi possível verificar que existe a interferência de variantes na fala e na escrita dos estudantes, e a professora de Língua Portuguesa deverá trabalhar as variantes linguísticas de forma que os alunos vivenciem a diversidade sem estigmatizá-los.

Palavras-chave: Alunos.Variantes. Entrevistas.Resultados.Escola.

ABSTRACT

The present work was instigated by the learning acquired by the author during the Literature course and under the investigative look of the researcher who already works at the school as a teacher and observed the existing variables that arrived in the classroom through speech and that, many times, had repercussions in students' writing. Thus, this work tries to investigate the existence of the interference of the variants and variables spoken by the students, as well as in their written productions, and also an interview with the Portuguese language teacher to compare the possible variations found in the students' communication and how the teacher class holder seeks to work with these variations. The analysis was made from the theories that deal with variations in a counterpoint with the interviews carried out. The interviews and textual production were carried out with 30 students from the final years of elementary school at Escola Municipal São Leopoldo, located in Sant'Ana do Livramento / Faxina / RS. From the interviews and texts, 5 of each modality were chosen so that they could transcribe and observe the possible variations. From the analysis of the results it was possible to verify that there is an interference of variants in the speech and writing of the students, and the Portuguese language teacher should work on the linguistic variants so that the students experience the diversity without stigmatizing them.

Keywords: Students.Variants.Interviews.Results.School.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1— Entrevista 1	25
Tabela 2 — Entrevista 1	26
Tabela 3 — Entrevista 1	26
Tabela 4 — Entrevista 1	26
Tabela 5 — Entrevista 1	27
Tabela 6 — Entrevista 2	27
Tabela 7 — Entrevista 2	28
Tabela 8 — Entrevista 2	29
Tabela 9 — Entrevista 2	29
Tabela 10 — Entrevista 2	30
Tabela 11 — Entrevista 2	30
Tabela 12 — Entrevista 3	31
Tabela 13 — Entrevista 3	32
Tabela 14 — Entrevista 4	32
Tabela 15 — Entrevista 4	32
Tabela 16 — Entrevista 4	33
Tabela 17 — Entrevista 4	33
Tabela 18 — Entrevista 4	34
Tabela 19 — Entrevista 5	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Justificativa	13
1.2 Problema	13
1.3 Objetivos	13
1.3.1 Geral	13
1.3.2 Específicos	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 Variação linguística	15
2.2 Mudança linguística	17
2.3 Contexto histórico e geográfico da pesquisa	20
3 METODOLOGIA	23
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DE RESULTADOS	25
4.1 Análise das entrevistas orais feitas via <i>WhatsApp</i>	25
4.2 Análise das produções textuais	35
4.3 Análise da entrevista da professora	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A – ENTREVISTA 1	42
ANEXO A – FOLHA DE AUTORIZAÇÃO DO ALUNO	54

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu em virtude da aprendizagem adquirida durante o Curso de Letras – Português e na curiosidade investigativa da autora que trabalha como professora de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola de assentamento em Sant’Ana do Livramento em que os alunos são filhos de pais advindos de outras cidades ou estados e costumam apresentar variedades na fala que parece repercutir tanto na escrita como na aprendizagem escolar.

A partir desse mote de investigação, deu-se início a esta pesquisa para pesquisar a existência da interferência das variantes e variáveis na fala dos estudantes e nas produções escritas e se isso dificulta ou facilita a comunicabilidade destes nas atividades diárias e nos processos de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Para isso foi necessário levantar dados bibliográficos referentes à Variação Linguística e coletar dados de suas produções orais e escritas dos alunos, testando-se a aplicabilidade dos instrumentos entrevista oral e texto escrito, bem como a entrevista realizada com a professora de Português da escola.

Após, foi feito um cotejo dos resultados coletados junto aos alunos com a entrevista da professora para entender como procura trabalhar as possíveis variações encontradas na comunicação desses indivíduos frente às diferentes realidades sociais existentes em que se inserem. Levou-se ainda em consideração o contexto da pandemia que dificultou um pouco a realização desta pesquisa devido ao distanciamento e isolamento das pessoas.

Para melhor entender a investigação realizada, o trabalho foi dividido em seções, sendo a primeira esta introdução onde são apresentados o tema, os objetivos e a justificativa da pesquisa a ser realizada.

Na segunda seção é apresentada a revisão de literatura utilizada para a realização da pesquisa.

Na sequência está a metodologia utilizada na efetivação da referida pesquisa, seguida da análise e discussão dos resultados obtidos na investigação.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, o referencial bibliográfico e os apêndices com as entrevistas realizadas e demais materiais pertinentes ao trabalho de investigação em questão.

1.1 Justificativa

A presente pesquisa justifica-se pela curiosidade da pesquisadora em investigar a existência de variantes e variáveis linguísticas na fala dos alunos, bem como em sua produção textual e verificar se estas interferem ou não na aprendizagem escolar, comparando com a entrevista da professora, a fim de apurar se procura trabalhar com essas variações em sala de aula de modo inclusivo.

1.2 Problema

Existe interferência das variantes e variáveis faladas pelos estudantes em suas produções escritas? O quanto isso dificulta ou facilita a comunicabilidade oral dos estudantes em suas atividades diárias mesmo nas comunidades nas quais estão inseridas? O modo como a professora trabalha a variação linguística em sala de aula auxilia o processo de aprendizagem do Português dos estudantes?

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar variantes e variáveis linguísticas nas modalidades escrita e oral nas produções de alunos dos anos finais do fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Leopoldo.

1.3.2 Específicos

- Levantar dados bibliográficos sobre variação, variáveis e variantes linguísticas;
- Coletar dados da produção oral e escrita dos alunos dos anos finais do fundamental;
- Analisar nas entrevistas orais e textos escritos dos alunos a existência ou não de variáveis linguísticas como social, geográfica, dentre outras;
- Realizar entrevista com a professora dos alunos, a fim de verificar a metodologia e avaliação nos processos de ensino e aprendizagem da língua materna utilizadas

pela professora, levando em consideração, em especial, o trabalho ou não com a variação linguística encontrada na comunicação oral e escrita dos alunos;

- Contrastar as respostas dos alunos em relação à metodologia utilizada pela professora, em especial, com relação às variantes e variáveis linguísticas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Variação linguística

De acordo com LABOV, 2008, p. 78,

A Sociolinguística se interessa pelas variações linguísticas que podem ser explicadas sistematicamente, entendendo-se como variação sistemática a maneira alternativa de dizer a mesma coisa, desde que essa maneira seja portadora do mesmo significado referencial.

De acordo com Saussure (1916, p. 21), no curso de Linguística Geral, a língua

trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Essa língua que permite a comunicação é como um sistema inter-relacionado ou combinado que nos permite evoluir, mudar porque a língua nunca está completa. A língua pode ser considerada viva e se reproduz a partir de interações de pessoas dentro de uma comunidade que, com seu crescimento histórico, interação e diálogo constroem a linguagem.

Para o autor, as variações desta língua, formam outra língua, pois a língua é um produto social. A língua é o que possibilita a fala, o que se reproduz a partir de um sistema de signos que está na mente dos indivíduos, estes membros de uma comunidade.

Além disso, Saussure (1916, p. 81-82) define que a língua é um sistema de signos que está depositada nos membros de uma comunidade em que este sistema é composto pela junção de significante (imagem acústica) e significado (conceito-ideia), esclarecendo ainda que estes signos são arbitrários, porque podem ser modificados.

Sabe-se que as línguas passam por mudanças tanto na língua escrita quanto na falada e isso é verificado com o passar das gerações em que se percebe diferença na fala entre as pessoas de idades diferentes, na pronúncia, sons, e na escrita e essas diferenças é que tornam a língua viva e em constante evolução.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2015, p. 31):

Assim, existe um sistema que está na cabeça dos indivíduos e, portanto, um único sujeito não consegue mudar regras na língua, somente em conjunto de pessoas é possível realizar mudanças, pois enquanto seres humanos realizamos trocas de informações entre sujeitos fazendo uso da linguagem. A língua, sistema de representação do mundo, está presente em todas as áreas de conhecimento.

Assim, conforme Chagas (2001, p. 141), “[...] embora seja algo conhecido que as línguas mudam, tanto em sua forma falada quanto em sua forma escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a língua falada.”

Essa variação é vista quando se depara com pessoas de diferentes cidades ou estados, em que diferentes culturas se misturam e alteram principalmente o vocabulário, ainda que se permaneça mesmo com essas diferenças falando a mesma língua. Como cita Beline (2001, p. 122), por exemplo:

esse tipo de variação, a lexical é, entretanto, apenas um dos modos como a língua pode variar. Em outras palavras, fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato, as línguas variam. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar- variação diatópica-seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando- variação diafásica.

Dessa forma, é preciso considerar que se vive em um país com múltiplas culturas e, tanto dentro da escola como fora dela, encontra-se grande variedade linguística de cunho social, geográfico, profissional dentre outras. Isso parece causar certa dificuldade em lidar com as diferenças linguísticas, tanto por parte dos alunos como dos professores, pois, para alguns, essas variações são consideradas formas erradas de falar ou escrever.

Assim, a diferença entre fala e escrita, quando em sala de aula, é muitas vezes considerada um erro e vista de forma preconceituosa como explica Bagno (2007, p. 38):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola - gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]”

Essa forma preconceituosa de ver a língua como única evidenciada entre colegas parece demonstrar uma dificuldade dos professores em trabalhar as variáveis da Língua Materna com a mesma importância que trabalham a norma-padrão.

Neste sentido, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p. 31):

Contudo, não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, não são objeto de avaliação negativa.

Ao que Bagno (2007, p. 36) complementa:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da "fala ou da escrita".

Consonante ao que dizem esses autores, nessa pesquisa, foi possível identificar que os alunos parecem apresentar diferenças na fala e na escrita, por hipótese, devido ao lugar de origem, já que as famílias, em geral, são provenientes de outros municípios ou unidades federativas do Brasil.

Esse tipo de variação instigou a autora deste trabalho como professora na escola, pois existem nessa mesma comunidade variações lexicais, morfológicas e sintáticas, por hipótese, predominantemente, baseadas nas diferenças sociais e geográficas, já que ali convivem pessoas providas de diferentes regiões do Brasil .

Há também grupos mais jovens dentro da comunidade que apresentam variação conforme a situação em que se encontram, dependendo do local, da escolaridade e do grupo de convivência dentro de cada assentamento em que estão inseridos, ocorrendo a sua comunicação de modo diversificado.

2.2 Mudança linguística

Para se aprofundar um pouco mais sobre a tipologia da variação linguística, definem-se algumas noções de variedade, variação, variável e variante, pois, quando se fala em língua, têm-se algumas definições e estas precisam ser compreendidas para que se possa entender as suas modificações.

Conforme Coelho *et al.* (2020 p. 14), dá-se o nome de variedade à fala característica de um determinado grupo. Portanto, essa se explica a partir de critérios geográficos como a variedade gaúcha, critérios sociais como a variedade de falantes escolarizados, falantes jovens, variedade de mulheres, também por ocupação/profissão e variedade culta. Ainda conforme Tarallo (2001, p. 8):

em toda comunidade da fala são frequentes as formas linguísticas em variação a essas formas de variação dá-se o nome de “variantes”, são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.

Ainda sobre variação Chagas (*apud* FIORIN, 2003, p. 151) explica que qualquer desequilíbrio desencadeado por motivos unicamente linguísticos ou por motivos externos à língua pode dar origem à variação.

Nesse sentido, Beline (2001, p. 122) e Tarallo (2002, p. 8) destacam que “A variável linguística é, portanto, um conjunto de duas ou mais variantes.”

Conforme Chagas (*apud* FIORIN, 2003, p. 147):

A língua escrita vem normalmente a reboque das mudanças ocorridas na língua falada, havendo frequentemente uma defasagem entre o aparecimento de mudanças na língua falada e o momento em que elas passam a ser aceitas ou pelo menos toleradas na língua escrita.

Assim, basicamente pode-se ter dois tipos de variedades linguísticas: os dialetos e os registros. Para esse autor, os dialetos são variações que ocorrem no dia a dia conforme o uso da língua, e os registros são as variedades que ocorrem conforme o uso e da situação em que é usada.

A partir dessas subdivisões, é possível afirmar que a variação dialetal ocorre na língua em, pelo menos, seis formas diferentes, as quais procuram explicar o uso

diferenciado da língua conforme o território ou região, na dimensão social, quanto à idade, sexo, geração e quanto à função que exercem.

Conforme Travaglia (2009), variação dialetal de dimensão territorial, geográfica ou regional remete a diferentes cidades e unidades federativas brasileiras, o que parece corroborar com as variações existentes na comunidade estudada nesta investigação, conforme abaixo:

“a) pelas influências que cada região sofreu durante a formação” ou “b) porque os falantes de uma dada região constituem a comunidade linguística geograficamente limitada em função de estarem polarizados em termos políticos e/ou econômicos e/ou culturais, e desenvolveram então um comportamento linguístico comum que os identifica e distingue.” (TRAVAGLIA, 2009, p. 42).

Para o autor, a variação dialetal territorial ocorre em consequência do contato entre pessoas de diferentes regiões que falam a mesma língua. Assim, têm-se também os dialetos de dimensão social que são variações as quais ocorrem dentro de determinados grupos sociais, em que estes se identificam conforme sua linguagem, pois cada grupo tem uma determinada maneira de expressar sua língua.

O autor ainda acrescenta que têm-se os dialetos de dimensão de idade em que os falares se caracterizam por variações na língua conforme a idade, se compararmos pessoas de mais idade com outras mais novas, haverá uma variação na linguagem falada entre estes.

Os dialetos de dimensão de sexo apresentam variações conforme o gênero, adotando um comportamento apropriado caso for masculino ou feminino. Há ainda as variações de dimensão de geração ou histórica que são percebidas na língua escrita conforme o passar das gerações. Já os dialetos da dimensão função, são os que ocorrem conforme a função que a pessoa exerce ao longo do dia na sociedade em que vive. Por exemplo, no papel de mãe, pai, filho ou filha, patrão e empregado e assim por diante.

Nas variações de registros que se dividem em grau de formalismo, modo e sintonia, é possível perceber que o grau de formalismo como diz o próprio nome, está relacionado a mudanças que ocorrem no sentido normativo e estético ditado pela diferença de formalidade que exigem as regras sociais em determinadas ocasiões; enquanto que a variação de modo mostra uma contraposição entre a língua falada e escrita; e a variação de sintonia é expressa através da maneira de falar conforme o ouvinte.

Por fim, corroborando com Travaglia (op. cit. 2009), os PCNs apontam que:

Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29).

Nesse sentido, entende-se que há uma gama de variedades linguísticas que levam em conta diversos aspectos comunicativos da sociedade em que se está inserido, o que destaca mais uma vez a importância da presente pesquisa já que os sujeitos entrevistados estão inseridos em um contexto que suscita uma investigação mais aprofundada acerca da diversidade linguística em sua comunidade encontrada.

2.3 Contexto histórico e geográfico da pesquisa

A região objeto do presente estudo é parte da história e está localizada próximo ao trevo de acesso a Dom Pedrito. A Escola São Leopoldo é uma instituição que se encontra presente dentro de um assentamento da reforma agrária. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra chegou na cidade a partir dos anos 90, ocupando as terras com famílias que vinham de todas as regiões do Rio Grande do Sul e também de outras unidades federativas do Brasil, estruturando-se em comunidades, fundando cooperativas, "escolas" e vivendo da terra.

Posterior ao acampamento em terras consideradas improdutivas, as famílias recebem a diretriz do Movimento e então começam a pensar na educação. As escolas são organizadas por grupos, geralmente nas casas das próprias fazendas ocupadas pelo grupo de sem terras, que escolhem alguém dentre os acampados que tenha mais conhecimento e aptidões para dar aula e então começam a ensinar os outros.

Essas escolas ligadas ao Movimento de trabalhadores rurais Sem Terra (MST) são chamadas de Escolas Itinerantes, adotando, assim, uma pedagogia diferenciada da escola tradicional, pois, quando expulsos da localidade, as pessoas que têm a habilidade de ensinar acompanham os demais para dar continuidade à aprendizagem.

Nesse sentido, Educação é uma luta constante segundo Caldart (2011, p. 62):

Se a escola voltar a se preocupar com a formação humana, passará a prestar mais atenção nos sujeitos que a ocupam, e dialogando com eles se dará conta de como pode ajudá-los, como pessoas, como sujeitos sociais. Quando falamos numa escola do MST, não falamos numa escola com um modelo pedagógico fechado, um método de ensino específico, uma estrutura fixa de organização; falamos bem mais de um jeito de ser escola, uma postura diante da tarefa de educar, um processo pedagógico onde todos realmente têm o que aprender e o que ensinar, sempre, e o tempo todo.

O passo seguinte é começar uma luta com o governo brasileiro do Rio Grande do Sul para que o local de acampados seja reconhecido como assentamento e este receba professores da rede pública do município ou estado em que estão assentados. Essa miscigenação de culturas e dificuldades encontradas para frequentar uma escola legalizada com professores qualificados parece contribuir para o aparecimento da variação regional, social e nível de escolaridade.

A cidade de Sant'Ana do Livramento é parte desse ambiente de características morfológicas e climáticas bastante peculiares, com expressiva concentração de terra e, como forma de resistência, o município conta hoje com 31 assentamentos da reforma agrária que, desde sua chegada, vem produzindo impactos culturais e de produção, desenhando um novo contexto na campanha.

Da tradição da criação de gado de forma extensiva tem-se, a partir da implementação dos assentamentos na região, a possibilidade do intercâmbio de culturas e produções. Isso porque:

O fato é que Santana do Livramento, em linhas gerais, apresentou condições favoráveis à instalação de assentamentos, se comparado com outros da Campanha Gaúcha. Pois, além de dispor de terras adequadas ao desenvolvimento da agricultura familiar, sobretudo em sua parte leste, não apresentou grande resistência por parte dos fazendeiros, ao menos nesta primeira década (1992 – 2002). Inclusive, muitos proprietários se interessaram em negociar suas terras para fins de reforma agrária ou mesmo em ter suas terras vistoriadas pelo INCRA para fins de desapropriação, já que esta prevê indenização. Este interesse partiu principalmente daqueles proprietários descapitalizados, que foram diretamente afetados pelas sucessivas crises da pecuária. (MONTEBLANCO, 2013, p. 190).

A autora desta investigação, como atua como docente na área de Ciências naquela escola, a partir do convívio com os alunos, acabou percebendo na fala destes a presença de possíveis variantes linguísticas, isto porque os alunos advêm de outras cidades como Júlio de Castilhos, Quevedos, Santo Augusto, Cruz Alta,

Liberato Salzano e Redentora pois nas lutas por terras foram designados para morar em Sant'Ana do Livramento, assim juntou-se ali diferentes variações em seus modos de se comunicar.

Desse modo, na sequência, passar-se-á a delinear a metodologia de pesquisa para investigação dessas hipóteses.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Leopoldo, localizada em uma área do campo (região rural), denominada Faxina na entrada da cidade de Sant'Ana do Livramento que atende alunos de seis assentamentos localizados no entorno da escola, sendo eles: Sepé Tiarajú, Fidel Castro, 31 de Março, Nova Madureira, Leonel Brisola, Torrão, alunos do próprio Assentamento São Leopoldo e da região da Faxina.

A escola localiza-se no assentamento São Leopoldo, fundado em 1997, na cidade de Sant'Ana do Livramento, assim como outras escolas dentro dos assentamentos do MST. A escola tem se adaptado à sede deixada pela antiga fazenda Jupira São Leopoldo, portanto, atendendo crianças de outros 6 assentamentos da região e da própria localidade já existente conhecida como Faxina.

A pesquisa foi realizada com 30 alunos, dentre eles 16 meninas e 14 meninos, pertencentes às turmas dos anos finais do Ensino Fundamental da escola com idade entre 11 e 18 anos.

A partir da realidade vivenciada pela professora pesquisadora que em sala de aula os alunos expressam diferentes combinações dentro da comunicação, buscar-se-á entender essa realidade, a partir de uma análise qualitativa das variantes e variáveis linguísticas, usando como objeto de estudo amostra através de entrevistas e produções escritas dos alunos da Escola Municipal São Leopoldo.

Para tanto, foram elaborados dois questionários referentes ao assunto a ser investigado: um deles destinado à professora de Língua Portuguesa e outro aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com faixa etária entre 11 e 18 anos da Escola, juntamente com outro documento que os pais deveriam assinar autorizando os filhos a participarem da pesquisa, visto que estes são menores de idade.

De posse das assinaturas, a partir da liberação por parte dos pais para que os alunos pudessem participar do trabalho, deu-se início a pesquisa que foi realizada através de uma coleta e análise de dados da produção oral dos alunos e da professora de Língua Portuguesa executada pelo aplicativo *Whatsapp*, rede social através da qual foram feitos questionamentos acerca de sua vida diária para que estes expressem suas ideias oralmente em entrevista gravada.

Também foi solicitada uma produção escrita na qual os alunos deveriam contar uma história marcante da vida ou relatar a sua história de vida, a partir dos quais buscou-se verificar a ocorrência de variantes e variáveis. Essa abordagem foi feita baseada nos estudos de variação linguística pontuados na seção Revisão de Literatura, observando-se sempre a comunidade e mantendo uma relação direta com o público a ser pesquisado.

Como não se dispunha de muito tempo junto aos alunos e devia-se manter o distanciamento social, os textos escritos foram realizados nas casas dos alunos e enviados, posteriormente, à professora regente da turma, junto da entrega das demais atividades referentes às disciplinas dos alunos.

Isso porque diante da pandemia e sem aula presencial, estes começaram a receber atividades escritas, pois nem sempre funciona a internet por ser uma escola localizada na área do campo.

Como a autora deste trabalho já pertence à comunidade como professora local, possibilitou uma facilidade e aproximar-se dos alunos, não sendo considerada membro externo à comunidade. Sendo assim ficou mais fácil essa interação.

Com base nos resultados e análise dos dados e frente à realidade de pandemia pelo coronavírus e com pouco tempo para nossa análise, foram escolhidas das 30 entrevistas apenas 5 feitas pelo aplicativo *whatsapp* e realizadas as transcrições, usando-se o aplicativo *Speech Notes*, procedimento empregado para transformar em texto a gravação e depois salvar as anotações para análises.

Desses mesmos 5 alunos, escolheu-se a produção escrita, para análise quanto à presença ou não de variantes e variáveis. Também analisou-se a entrevista com a professora para verificar qual a metodologia que tem diante das possíveis variantes e variáveis encontradas na sala de aula.

Após a realização da escrita do texto e das entrevistas, com base nas normas para transcrição de entrevistas gravadas de Preti (1999), analisaram-se os dados marcando ou não a existência de variantes na localidade e se estas interferem na comunicabilidade desses indivíduos frente às diferentes realidades sociais existentes.

também analisou-se a entrevista da professora verificando, se em sua metodologia, consegue enxergar essas variações, se consegue trabalhar a partir das variações encontradas de modo inclusivo.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DE RESULTADOS

Nesta seção, apresentam-se os resultados encontrados a partir das entrevistas, analisando-os sob a ótica da Revisão da Literatura, encontrada na seção 2.

4.1 Análise das entrevistas orais feitas via *WhatsApp*

Tabela 1—Entrevista 1

Sujeito	Variante encontradas
Entrevista 1 L.S.S.	... os meus pais moram lá um pouco mais tempo... ... veio para cá por...

Nestes trechos da primeira entrevista, classificam-se as variantes observadas como resultado da variação dialetal geográfica ou regional, pois, se percebe na fala do aluno, a dificuldade em localizar-se geograficamente devido ao fato de a escola estar localizada em um assentamento e atender outros 6 assentamentos e uma localidade, causando dificuldade para o próprio aluno se localizar, utilizando os advérbios “lá” e “cá” de acordo com o local em que ele se encontra, ainda que esteja em sua própria casa no momento da entrevista.

Também é possível perceber que o aluno, filho de pais que provêm de outra localidade, apresenta pronúncia característica de região diferente de Santana do Livramento.

Isso foi verificado, porque, conforme Travaglia (1995), os falantes de uma determinada região constituem uma comunidade linguística geograficamente limitada em função de estarem polarizados em termos políticos, econômicos ou culturais, apresentando comportamento linguístico que os identifica e distingue, o que parece corroborar com a influência de cada região durante a formação (MST).

Tabela 2 — Entrevista 1

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 1 L.S.S.	...a sorte de ser sorteado ^s neste local...

Ao analisar esse trecho da entrevista, verificou-se a falta de plural evidenciado na palavra “sorteado(s)”. Essa variável fonológica citada como perda de pluralidade, segundo Tarallo (2002), é mais comum na fala do que uma variável sintática, como uso de orações relativas ou alternância entre voz ativa e passiva.

Tabela 3 — Entrevista 1

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 1 L.S.S.	...vida toda, né, em algum momento...

Nesse trecho da entrevista, fica evidente a expressão “né”, sendo esta uma forma contraída da expressão “não é”, para confirmar o que já foi falado, configurando aspecto coloquial em relação à variante da norma padrão. Como a variedade vem de diversos fatores sociais, culturais, isso permite que em diferentes regiões aconteça uma variedade e assim permite estar ou não de acordo com a norma padrão.

Tabela 4 — Entrevista 1

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 1 L.S.S.	...assimilar bem aonde que vai cada pontuação...

Neste tópico, o aluno parece apresentar desconhecimento da norma padrão ao usar “aonde” em lugar de “onde” já que estão relacionadas à ideia de

lugar/localização e costumam ter semelhante função morfológica e sintática, mas em contextos semânticos diferentes.

Tabela 5 — Entrevista 1

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 1 L.S.S.	...acredito que, sim, por causa que o que a gente aprende... ... a gente leva para vida...

Nestes fragmentos da entrevista, é possível observar o aluno dar preferência à variante “a gente” em sua fala, sendo esta considerada coloquial, em contrapartida ao que traz Coelho *et al.* (2020) que afirma que a variante padrão costumava ser “nós”, explicando ainda que esta tem um prestígio, pois está sendo utilizada há mais tempo na língua. “A gente”, sendo a variante não padrão, tem sido usada, conforme a autora, também em mais textos formais em que antes aparecia apenas o “nós”.

Tabela 6 — Entrevista 2

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 2 M.B.	... Vim mora pra cá com sete ...

Nessa passagem da entrevista dois, como citado no primeiro trecho da entrevista um, classificou-se, mais uma vez, as variantes observadas como resultado da variação dialetal geográfica ou regional, pois, percebe-se na fala do aluno a dificuldade em localizar-se geograficamente devido ao fato de a escola estar localizada dentro de um assentamento e atender outros 6 assentamentos e uma localidade, causando dificuldade em o próprio aluno se localizar, utilizando os advérbios de acordo com o local em que ele se encontra, ainda que esteja em sua própria casa no momento da entrevista.

Esse fenômeno já foi observado na tabela 1 da entrevista 1 Percebe-se então

que é uma variante recorrente, sendo explicada talvez pelas mesmas características devido à formação da comunidade através das lutas do MST, em que Travaglia (1995) explica sobre esse comportamento linguístico.

Também conforme Coelho *et al.* (2020), esse fenômeno pode estar relacionado à identidade dos falantes quanto ao senso de pertencimento a um local, a um povo, ou uma cultura e isso pode ser um condicionador motivacional para a variação linguística.

Tabela 7 — Entrevista 2

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 2 M.B.	<p>...gosto de mora em Santana do Livramento...</p> <p>....por causa que tem cavalo para mim anda, dá para sair nos....</p> <p>....vizinhosdá para mim corre de bicicleta, ::::..... nada....</p> <p>...Eu gosto de estuda na escola</p> <p>...Eu posso corre, eu posso brinca,...</p> <p>...Minha dificuldade é le por causa que ...</p> <p>causa que eu consigo compreende daí de...</p>

Neste fragmento da entrevista, observa-se, ao entrevistar o aluno, conforme Tarallo (2002), uma variação fonológica quanto ao contexto em que se encontra o /r/ na posição final de palavras como nos verbos (“morar”, “correr”, “andar”, “estudar”, “brincar”, “ler”, “compreender”), havendo uma supressão da marca de infinitivo, característica da língua falada dos informantes. Isso, conforme Bagno (2007), pode

denotar um motivo para estigmatização desse aluno que escreve como fala e não como “dita” a norma padrão.

Tabela 8 — Entrevista 2

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 2 M.B.	...ensinam as professora ensinam bem... ...e as professora ::... por exemplo:

Neste trecho da entrevista, classificou-se a variação, conforme Tarallo (2002), como a ausência $[(\emptyset)]$ da variável, <s> que marca o plural do substantivo que vem na sequência sintática de um artigo definido também no plural.

Assim, de acordo com Ferreira (2013), ocorre o fenômeno da variação na concordância nominal de número no Sintagma Nominal, o que parece demonstrar que o falante pressupõe que já há plural no artigo definido, suprimindo esta marca do substantivo que o segue.

Tabela 9 — Entrevista 2

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 2 M.B.	...eu como, eu durmo, eu eu corro de a cavalo , saio...

Nesta parte da entrevista, verifica-se que há uma duplicação preposicional como variação geográfica característica da região da fronteira do RS, pois a expressão “andar de” usa-se, quando o meio de transporte não é um animal como, por exemplo, gosto de andar de automóvel.

Vale ainda ressaltar que essas preposições não são intercambiáveis e, portanto, uma não pode ser empregada no lugar da outra, não encontrando, assim, respaldo na gramática padrão para o uso “Corro de a Cavallo”.

Tabela 10 — Entrevista 2

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 2 M.B.	...andava um poco na estrada...

A partir da análise deste fragmento da entrevista encontrou-se o fenômeno da monotongação como variação fonológica, pois, conforme Coelho *et al.* (2020), neste fenômeno linguístico, há a redução do ditongo transformado em uma só vogal. Assim, a sequência morfo-fonética /ow/ transforma-se em /o/, marcando característica do Português falado.

Tabela 11 — Entrevista 2

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 2 M.B.	...casa dos outros e um poco vadio também, e as vez trabalho um poco...

Conforme observado nesse trecho da entrevista, foi possível verificar a influência da fala, conforme alguns estudos Coelho *et al.* (2020), que em resultados de suas pesquisas apontam que grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais socioeconomicamente privilegiados optam pela variante padrão.

Também conforme Coelho *et al.* (2020) explica, a região onde a pessoa nasceu e/ou mora pode influenciar o modo como ela fala, assim como diferentes fatores de ordem social podem explicar o fato que este entrevistado ter vindo de Júlio de Castilhos com sete anos, cidade com influência marcadamente indígena e também por hoje estar localizado na área de assentamento em que há uma convivência com assentados de outras cidades ou unidades federativas brasileiras.

Observa-se ainda nesse diálogo que o entrevistado demonstra um maior grau de intimidade e menos formalidade com a entrevistadora, sendo esta uma variável externa, influenciando a fala do aluno e, talvez, utilizando-se de uma variante mais informal, segundo Travaglia (1995), em virtude da proximidade entre os falantes.

Tabela 12 — Entrevista 3

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 3 G.F.	<p>.... professora Cláudia legal, a senhora aprofessora de inglês e as outras...</p> <p>...Eu::...fico é jogando baralho ...</p> <p>...não tem nenhuma dificuldade um pouquinho facinho não tem...</p> <p>...poder viver ter um pouco de futuro melhor...</p>

Conforme os fragmentos da tabela 11, entrevista 2, este aluno demonstra também um grau de intimidade e menos formalidade com a entrevistada, o que pode ser um condicionador externo que implica no uso de variantes não padrão na fala.

Tabela 13 — Entrevista 3

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 3 G.F. melhor ser alguém na vida

Neste fragmento da entrevista, observa-se, conforme Coelho *et al.* (2020) e Travaglia (1995), a supressão do “r”, que marca o infinitivo dos verbos. Trata-se, portanto, de um morfema verbal. Neste caso, tem-se a falta do morfema de infinitivo no verbo “ser”. A hipótese é de que o aluno fala de acordo com o que ouve, independente de qual variante escreve no ensino formal.

Tabela 14 — Entrevista 4

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 4 I.W.A.	...2005 e a gente veio mora ::...

Esse fragmento da entrevista reforça o que já foi encontrado na tabela 5 - entrevista 1, em que esta variante “a gente” pode ser usada nessa comunidade, com um maior prestígio ao invés de “nós”.

Tabela 15 — Entrevista 4

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 4 I.W.A.	...E aí devagarinho Eles vieram vindo e ganharam...

As variações linguísticas estão presentes nos âmbitos geográficos, sociais, sendo assim a língua viva ganha diferentes formas de expressão verbal de seu

falante justamente pelas condições citadas anteriormente, assim não se pretende que sejam classificadas como erradas.

Isso se explica a partir do momento que verificou-se que pessoas de diferentes lugares vivem no assentamento, o que pode ser uma justificativa para as variantes existentes, pois a língua é mutável o que caracteriza tais diferenças.

Tabela 16 — Entrevista 4

Sujeito	Variante encontrada
Entrevista 4 I.W.A.	...lugar tranquilo aonde todo mundo se conhece...

Esse fragmento corrobora com a tabela 4 entrevista1, em que aparece esse mesmo tipo de variante encontrada na língua falada do entrevistado, mostrando que estes parecem apresentar uma falta de conhecimento quanto ao uso da norma padrão no momento do uso dos advérbios “onde” ou “aonde”.

Tabela 17 — Entrevista 4

Sujeito	Variante encontrada
Entrevista 4 I.W.A.	...bom de estudar eh as professora se dedicam...

Neste trecho da entrevista, classificou-se o fenômeno linguístico que, conforme Tarallo (2002), trata-se da ausência [(ø)] da variável,] <s> que marca o plural do substantivo que vem na sequência sintática de um artigo definido também no plural o que fortalece o que foi encontrado na tabela 8 entrevista 2, evidenciando também que esta pode ser considerada uma língua padrão utilizada entre os entrevistados, já que existe a comunicação e permite um entendimento entre as partes.

Tabela 18 — Entrevista 4

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 4 I.W.A.	...máximo de ensino para gente por isso que.... por exemplo, a gente tem restaurante então eu ajudo ela no restaurante...

Esse fragmento da entrevista reforça o que já foi encontrado na tabela 5 - entrevista 1 e na tabela 14 entrevista - 4 em que esta variante “a gente” pode ser uma variante linguística usada nessa comunidade com um maior prestígio ao invés de “nós”, pois, conforme Coelho *et al.* (2020), este reforça ser uma variante que permite aos falantes da comunidade um entendimento possível de comunicação, mostrando ter um nível maior de prestígio na comunidade, pois o “a gente” é uma variante que se encontra em maior uso também em textos formais”.

Tabela 19 — Entrevista 5

Sujeito	Variantes encontradas
Entrevista 5 A.V.S2008 viemos morar aqui para Santana do Livramento por causa.... ...a terra e viemos morar mais para cá...

Este fragmento da entrevista corrobora com as encontradas nas Tabelas 1 e 6 entrevistas 1 e 2 em que se pode observar que a língua sendo viva permite assim sua evolução e modificações conforme a cultura, a região, podendo acarretar mudanças tanto fonética quanto fonológica e assim também devido à formação da região o povoamento (assentados) que a constitui e traz consigo influências nesta fala de diferentes regiões.

Portanto, nesses fragmentos, pode-se observar que as pessoas trazem

consigo uma variedade pertinente de ser observada quanto à falta de localização, provavelmente devido à mudança de região ou cultura e, como explica Coelho *et al.* (2020), tem dificuldade de desenvolver um sentimento de pertencimento ao local onde vivem.

4.2 Análise das produções textuais

Nesta seção, apresenta-se a análise da produção textual dos alunos, sob a ótica do que foi apresentado na seção Revisão da Literatura

Na produção textual dos alunos, é possível verificar variações dialetais regionais, pois a forma como se expressam ao escrever como “nós fumo” ao invés de “nós fomos”, “parou para cumê” ao invés de “paramos para comer” demonstra mais uma vez o uso de variantes não prestigiadas socio-culturalmente, já que Coelho *et al.* (2020) explica que este fragmento é um elemento bastante significativo da identidade cultural do grupo social, corroborado ainda pelo fato de os informantes estarem localizados em uma área rural e de assentamento.

Diante disso, foi possível observar também, a partir da escrita dos textos dos alunos que, analisando a variação social à qual pertence correlacionada à variação linguística quanto ao grau de escolaridade, mesmo tendo um maior contato com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, como cita Coelho *et al.* (2020), os alunos ainda apresentam variedades na escrita que mostram a falta de compreensão da norma culta ensinada na escola comparada às variações que o aluno traz de casa.

Traçando uma comparação da produção textual e a entrevista, foi possível verificar, através de alguns fragmentos textuais, a presença de variantes como na escrita dos pronomes “nós e a gente”, configurando casos de variação morfológica, em que há disputa um espaço na língua em uso, o que pode indicar um exemplo de mudança linguística em processo.

Observa-se ainda nos textos escritos uma variação de concordância em que por vezes não apresentam desinência de número-pessoal como, por exemplo, “passar”, “brigar”.

4.3 Análise da entrevista da professora

Ao analisar a entrevista da professora em que esta relata suas práticas com as variações linguísticas encontradas em textos orais e escritos dos alunos entrevistados, percebeu-se que ela interpreta tais variedades como sendo fruto de um “problema são as diferenças regionais” e “dificuldade é a falta de leitura, a qual acarreta ao mau uso da escrita”.

Nesse sentido, entende-se que a professora parece não compreender que as variações não devem ser vistas como um problema, como um erro, que a escola não pode tentar substituir a língua que o aluno fala por outra dita culta. Na verdade, o papel da escola e, por conseguinte do professor de Português, deve ser o de respeitar e trabalhar de forma equânime as interações entre a língua falada e a norma culta padrão estudada em sala de aula.

Isso porque, como cita Antunes (2003, p. 174):

As novas concepções da linguística - que na verdade, já não são tão novas assim - podem nos fazer ver o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos, bem mais fascinantes, bem mais humanos, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade, isto é, a língua que a gente usa no dia a dia. Essas concepções podem nos fazer perceber muito mais coisas que “o certo” e “o errado”, muito mais a fazer que dar nomes às coisas e aos fatos da língua. Indo além dos rótulos que a linguagem contém, para deixar-nos embriagar pela sua cor, pelo seu perfume e pelo seu sabor.

Assim, entende-se que o professor deve multiplicar, aumentar e acrescentar os recursos expressivos de que o aluno não dispõe, a fim de realmente contribuir para que o aluno não seja estigmatizado em seu modo de se comunicar “diferente”, mas que possa entender que a língua varia e trabalhar essas variações em sala de aula como falares diferenciados que podem ser utilizados nos mais diversos contextos comunicativos.

O aluno deve, a longo prazo, entrar em contato com as formas que cotidianamente não usa e saber usá-las em situações formais. A escola ou o professor, quando tenta erradicar a variedade trazida na fala dos alunos, está informando ao aluno que ele fala errado e, por consequência, a fala de sua comunidade também está incorreta, gerando, assim, o preconceito linguístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados foram coletados através da produção de textos escritos e posterior entrevista com os alunos, bem como da professora de Língua Portuguesa da turma. Tanto a entrevista com os alunos quanto com a professora foram feitas por meio do aplicativo whatsapp.

Dentre os sujeitos da pesquisa, analisaram-se entrevistas de 16 meninas e 14 meninos. Destas, escolheram-se apenas 5 entrevistas e 5 produções escritas, para analisar as variantes, pois, devido ao tempo exíguo de elaboração do TCC e à pandemia, a pesquisa prescindiu de maior detalhamento no aproveitamento do material coletado de todos os entrevistados.

Alunos e professora residem no município de Sant'Ana do Livramento no entorno da escola, nos assentamentos Sepé Tiarajú, Fidel Castro, 31 de Março, Nova Madureira, Leonel Brizola, Torrão, bem como alunos do próprio Assentamento São Leopoldo e da localidade denominada Faxina.

Inicialmente, na pesquisa, pensava-se que a maioria dos alunos que foram entrevistados eram nascidos em outras unidades federativas ou cidades brasileiras ou a família era de outra localidade, o que poderia indicar o uso das variantes trazidas dessas localidades.

Contudo, após realizarem-se as entrevistas, esses dados não se confirmaram, pois boa parte dos alunos são nascidos na localidade de Sant'Ana do Livramento. Então percebeu-se que, provavelmente, as variantes ocorridas viriam do convívio familiar, já que os pais, sim, são originários de outros municípios e/ ou de outras unidades federativas do Brasil .

Conforme analisado pela autora deste trabalho, a partir das entrevistas, existe, nessas comunidades de assentados, uma junção de famílias vindas de outras cidades e unidades federativas do Brasil com influências indígena e espanhola (região fronteira com Uruguai e Argentina), devido à região onde moravam antes de vir para o Assentamento.

Essa ocorrência parece explicar a variação regional encontrada, baseada nas leituras conforme Travaglia (1995). Também se explica a variação, pois são parte de uma comunidade linguística delimitada, visto que são assentados polarizados por termos políticos do MST.

Ainda como já foi mencionado, ao longo deste trabalho, são em sua maioria provenientes de escolas itinerantes, com defasagens na aprendizagem, visto que em princípio são ensinados por pessoas com um grau maior de escolarização dentro do acampamento.

Devido a essas desigualdades na educação que os entrevistados filhos de pais acampados apresentam, percebe-se que há uma variação quanto ao nível de escolaridade, sendo esta um fator muito relevante na questão da variação linguística encontrada nas falas e textos dos alunos.

Como a escolarização dos pais foi obtida em escolas itinerantes e inicialmente sem professores especializados, parece haver menos utilização da norma culta padrão. Dessa maneira, as pessoas pertencentes aos grupos sociais menos privilegiados e menos escolarizados, tendem a usar menos as formas padrão do português do que aqueles de grupos sociais menos estigmatizados.

Outro ponto observado foi quanto à região em que o falante se encontra, ou morou, pois nesta pesquisa constatou-se uma possível variação geográfica característica da região da fronteira do RS, evidenciada através de algumas palavras usadas pelos falantes.

Outra observação realizada, a partir da análise das entrevistas e da produção textual, é que existem variantes e variáveis na fala e estas interferem na escrita dos alunos. Mas ainda em tempo conseguiu-se observar que alguns alunos, ao falar, usam determinadas variantes e, ao escrever, conseguem utilizar-se da língua culta, embora haja clara interferência de uma modalidade na outra.

Ao analisar o andamento desta pesquisa investigativa, foi possível alcançar a maioria dos objetivos propostos, porém, devido ao curto espaço de tempo e à pandemia, escolheu-se não analisar todo o material coletado, optando-se por escolher 5 entrevistas e 5 textos produzidos pelos entrevistados.

Ainda assim foi possível verificar a interferência de variantes mais evidentes da fala dos estudantes em sua escrita o que demandará do professor de Língua Portuguesa uma abordagem mais ampla no trabalho com os diversos tipos, por exemplo, de gêneros textuais que podem ser trabalhados a título de multiletramentos, permitindo que os alunos vivenciem a diversidade linguística, tanto na modalidade oral quanto escrita, sem ser estigmatizado pela forma com que se comunica.

As variantes dificultam por vezes a comunicação oral dos estudantes, pois geram, a partir dos falares, preconceito entre os colegas. Assim acredita-se que este trabalho trará para a comunidade escolar um melhor esclarecimento sobre as diferentes variantes e como trabalhar com elas.

O professor pode trabalhar a variação linguística em sala de aula de forma a compartilhar com os alunos diferentes metodologias como buscar em HQ, filmes, analisar diferentes gêneros textuais e comparar o seu modo de falar e escrever com as variantes encontradas e, assim, poder, através da norma culta estudada, aplicar o seu devido uso em contextos em que ela for exigida, a partir do contraste com outras variáveis linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística. Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-75, v. 1
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AZEVEDO, Bruno. **Mitos e verdades sobre o preconceito linguístico**. <https://www.partes.com.br/2010/04/05/mitos-e-verdades-sobre-o-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 1 out. 2020.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Variação linguística**. <http://letrasmarques2013.blogspot.com> Acesso em: 01 out. 2020.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2001. p.123-166, v. I.
- BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALDART, Roseli Salete. MST 15 anos – **Lições de pedagogia da história**. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/livro-pedagogia-da-terra-mst.pdf>. Acesso em: 20 março 2021.
- COELHO, Izete Lehmkihl *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.
- ETTO, Rodrigo Mazer , CARLOS Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel social na língua. p. 719-737, Brasil 2017. Disponível em <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile%20/44/414>.
- FERREIRA, Samuele Bahia Rodrigues. A variação na concordância nominal de número no Sintagma Nominal no Português afro-brasileiro: abordagem mórfica. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 3, v. 3, n. 2, p. 102-117, ago/dez 2013. Disponível <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/189>.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento e variação**. 4. ed. 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- MONTEBLANCO, F. L. **O Espaço rural em questão: formação e dinâmica da grande propriedade e dos assentamentos da reforma agrária em Santana do**

Livramento/RS. 2013. Xx f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PRETI D. (org). **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 21.ed. São Paulo: Cultrix, 1916.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolinguística**. 7. ed., São Paulo: Ática, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. .

APÊNDICE A –ENTREVISTA 1

Entrevista 1 (Pais de Júlio de Castilhos e Quevedos)

1.Qual o teu nome e tua idade?

L. dos S. S. e eu tenho 15 anos.

2.Em que cidade você nasceu?

Nasci e me criei em Santana do Livramento.

3.Desde que ano você está aqui no assentamento e por que veio morar aqui?

Eu moro aqui no assentamento desde dois mil e seis o ano que eu nasci... os meus pais moram lá um pouco mais tempo desde dois mil e quatro e a gente veio para cá por causa deque na divisão de lotes no assentamento sem.. no movimento sem terra. Meus pais tiveram a sorte de ser sorteados neste local.

4.Você gosta de morar aqui?

Sim, eu gosto e moro no assentamento Fidel Castro.

5.Você gosta de estudar na escola São Leopoldo?

Eu gosto muito de estudar no São Leopoldo. Eu estudo lá desde o pré e a sorte de ser sorteados neste local.

lá. Eu amo estudar no São Leopoldo

6.Quem são as pessoas que moram com você?

O meu pai João Luiz e a minha mãe Lucimara. Só nós três.

7.O que você faz durante o dia quando não está na escola?

Geralmente eu ajudo minha mãe com os trabalhos domésticos ou o meu pai no campo.

8.Você faz parte de algum grupo na comunidade?

Não pertenço a nenhum grupo desses.

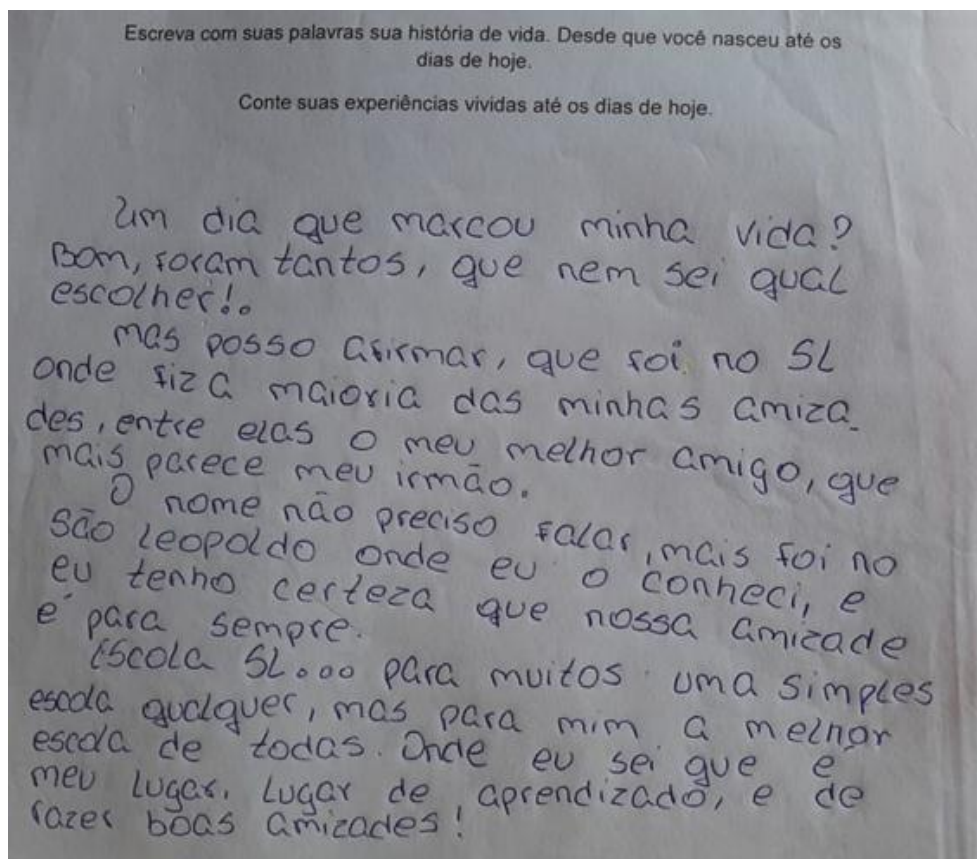
9. Quais suas facilidades e ou dificuldades ao aprender português?

Eu tive muita dificuldade, acho que na pontuação.... que eu tinha **um** pouco de problema para assimilar bem **onde** que vai cada pontuação onde não deve ir esse tipo de coisa.

10. Você acha que o que você aprende em sala de aula de português auxilia você a se comunicar melhor no seu dia a dia?

Ah, eu acredito que, sim, **por causa que o que a gente** aprende não só de português todas as outras matérias, a gente leva para vida toda, **né**, em algum momento a gente vai usar.

Produção escrita



APÊNDICE B – ENTREVISTA 2 (PAIS DE JULIO DE CASTILHOS)

1. Qual o teu nome e tua idade?

Meu nome é M. B tenho 12 anos

2. Em que cidade você nasceu?

Eu morava em Julio de Castilhos. **Vim mora pra cá** com sete anos morava com a minha avó com meu vô ah.. minha mãe meus irmãos. Em meu colégio estudava bastante de manhã. Eu voltava para casa, daí andava um **poco** na estrada. Eu **tinha mais convivência** com meu irmão Vitor.

3. Desde que ano você está aqui no assentamento e por que veio morar aqui?

Faz cinco anos que eu moro aqui. Eu vim para morar com meu pai

4. Você gosta de morar aqui?

Sim, eu gosto de **mora** em Santana do Livramento e no assentamento. Eu gosto por causa que **tem cavalo para mim anda**, dá para sair nos vizinhos **dá para mim corre de bicicleta**, :::::::::: nada

5. Você gosta de estudar na escola São Leopoldo?

Eu gosto de **estuda** na escola São Leopoldo porque é uma escola boa ensinam **as professora** ensinam bem. Eu posso **corre**, eu posso **brinca**, e **as professora**::.. por exemplo::.. tem paciência comigo porque eu sou muito chato

6. Quem são as pessoas que moram com você?

Moro só eu e o meu pai, Jesus Amilton Brandão.

7. O que você faz durante o dia quando não está na escola?

Eu ando de bicicleta, eu como, eu durmo, eu eu **corro de a cavalo**, saio para a casa dos outros e um **poco vadio também, e as vez trabalho um poco**.

8. Você faz parte de algum grupo na comunidade?

Não tem grupo no assentamento, mas tem a **ingreja** tem coral da **ingreja** que eu canto com a Carla e o Murilo

9. Quais suas facilidades e ou dificuldades ao aprender português?

Minha dificuldade é **le** por causa que daí não consigo pegar as coisas e a minha:... única coisa que eu consigo compreender com a:... facilidade é a:... minha caligrafia que é boa, que todo mundo diz que é boa.

10. Você acha que o que você aprende em sala de aula de português auxilia você a se comunicar melhor no seu dia a dia?

Sim por causa que eu consigo **compreende** daí de outra forma não consigo.

Produção escrita

Num tempo antes do natal
eu fui com meu pai Major pra
~~esf~~ visitar meu parente em julho
de cartilhe
Agente foi de carro e meu pai
não tem carteira de motorista, e um
Suzinho novo foi dirigindo para nós
Na noite agente parou pra cunha
baixo de e cheguemo lá de
meia - dia
Algame e fumo deita na minha
No e proximo laistante
Depoi agente foi na meu irmão
e eu fiquei de monte com meus
suzininhos.
Daí eu fui para Romada numa arrenta
muito tarde mas fumo na casa
daí com meus parentes Daí nos
mbra fumo pra Arrozada na casa
dos parentes mas ratemo pra casa
fo iremo com.

APÊNDICE C – ENTREVISTA 3 (PAIS DE REDENTORA)

1. Qual o teu nome e tua idade?

Eu:... tenho doze anos. Meu nome é J. G. F. de A.. Nasci no dia oito de novembro de dois mil e oito no meio-dia em ponto.

2.Em que cidade você nasceu?

Nasci em Livramento.

3.Desde que ano você está aqui no assentamento e porque veio morar aqui?

Sim, eu tô morando aqui desde o dia que eu **nasci é claro.**

4.Você gosta de morar aqui?

Aqui é legal **de morar ehhehh** eu não vou deixar de morar aqui porque foi aqui que o meu pai e minha mãe **que** criaram essa casa para mim.

5.Você gosta de estudar na escola São Leopoldo?

Sim, eh eu gosto de estudar... na escola São Leopoldo porque tem as professoras legais como Inclusive a senhora, a a professora Cláudia **legal**, a senhora aprofessora de inglês e as outras.

6.Quem são as pessoas que moram com você?

Meu tio Chico, minha mãe, o Eder, o Pelezinho que tá morando agora com a gente, a minha irmã e o meu irmão e o Daniel que está prestes a vir.

7.O que você faz durante o dia quando não está na escola?

Eu:...**fico é** jogando baralho com meu tio e com o Pelé.

8.Você faz parte de algum grupo na comunidade?

Eu faço parte do grupo da catequese.

9.Quais suas facilidades e ou dificuldades ao aprender português?

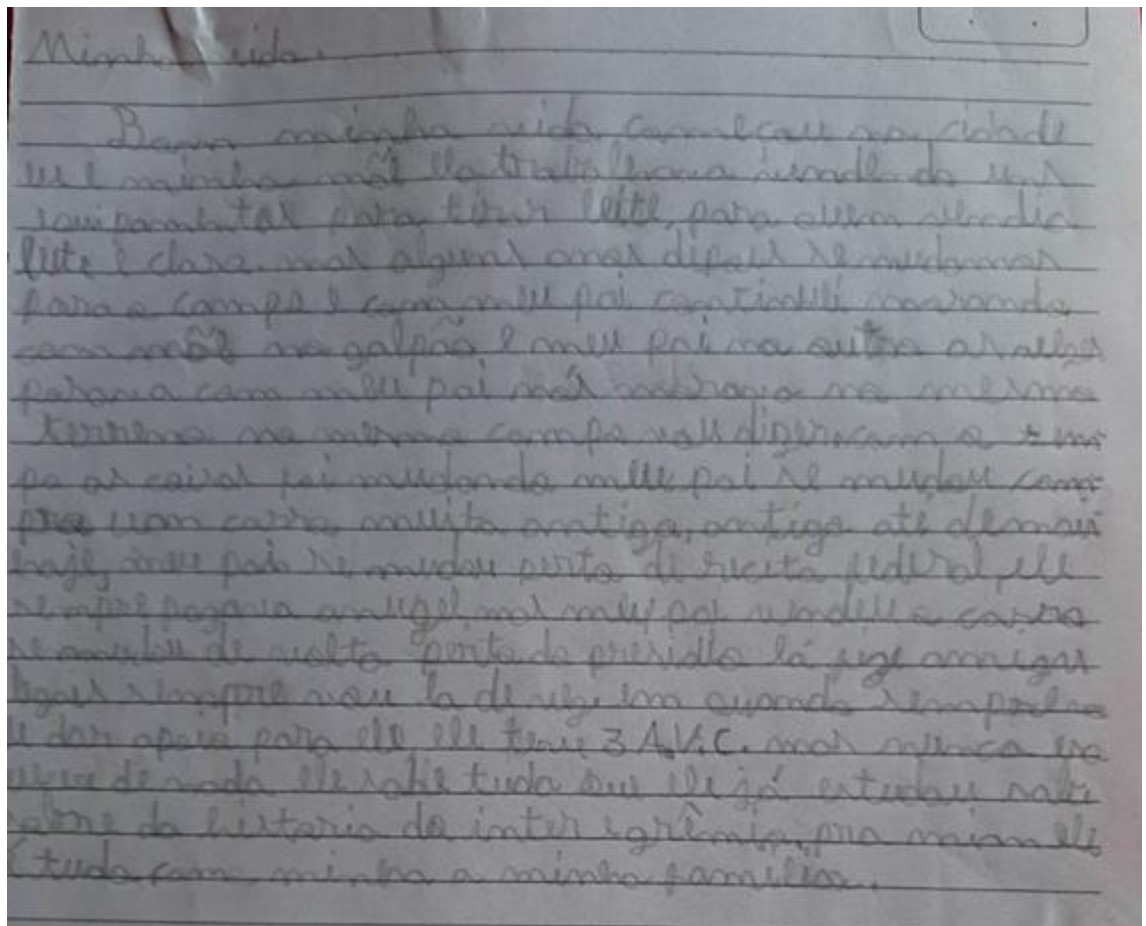
Para mim não tem nenhuma dificuldade **um pouquinho facinho** não tem nenhuma dificuldade na nana matéria. Eu me comunico no dia a dia dá para entender quando é meio fácil dá para entender... assim o, quando a senhora me mandar hoje eu faço amanhã, ai amanhã já dá para entender mais um pouco eu pego o celular da mãe o que é para pesquisar eu faço aí que não é para pesquisar

eu puxo lá na minha mente eu respondo é assim que eu faço com as matérias da senhora é assim que eu me comunico no dia a dia.

10. Você acha que o que você aprende em sala de aula de português auxilia você a se comunicar melhor no seu dia a dia?

Uso para poder me comunicar eu uso mais para poder viver **ter um pouco de futuro** melhor **ser** alguém na vida eu uso mais também **para poder na caligrafia fazer uma letra melhor para que a senhora entenda.**

Produção escrita



APÊNDICE D – ENTREVISTA 4 (PAIS DE CRUZ ALTA)

1. Qual o teu nome e tua idade?

Meu nome é I. W. A. e eu tenho 15 anos

2. Em que cidade você nasceu?

Eu nasci em Santana do Livramento

3. Desde que ano você está aqui no assentamento e porque veio morar aqui?

Eu estou aqui desde quando eu nasci em 2005 e a gente veio mora::... aqui no assentamento porque meu pai e minha mãe,... meu pai foi acampado aí ele ganhou terra e se casou com a minha mãe ele tem(tinha) a Terra lá do outro lado da cidade. E aí devagarinho Eles vieram vindo e ganharam terra aqui no assentamento

4. Você gosta de morar aqui?

Sim, aqui aqui no assentamento é bom de morar em um lugar tranquilo aonde todo mundo se conhece e se dá bem. É por isso que eu gosto de morar ali.

5. Você gosta de estudar na escola São Leopoldo?

Sim, ali na escola São Leopoldo é muito bom de estudar eh as professora se dedicam para dar o máximo de ensino para gente por isso que eu gosto de estudar ali, é um lugar tranquilo.

6. Quem são as pessoas que moram com você?

Comigo mora meu pai, minha mãe, minha irmã pequena, eee eu.

7. O que você faz durante o dia quando não está na escola?

Eu ajudo minha mãe nas coisas que tem que fazer::..., por exemplo, a gente tem restaurante então eu ajudo ela no restaurante.

8. Você faz parte de algum grupo na comunidade?

Não, eu nunca participei ih não.

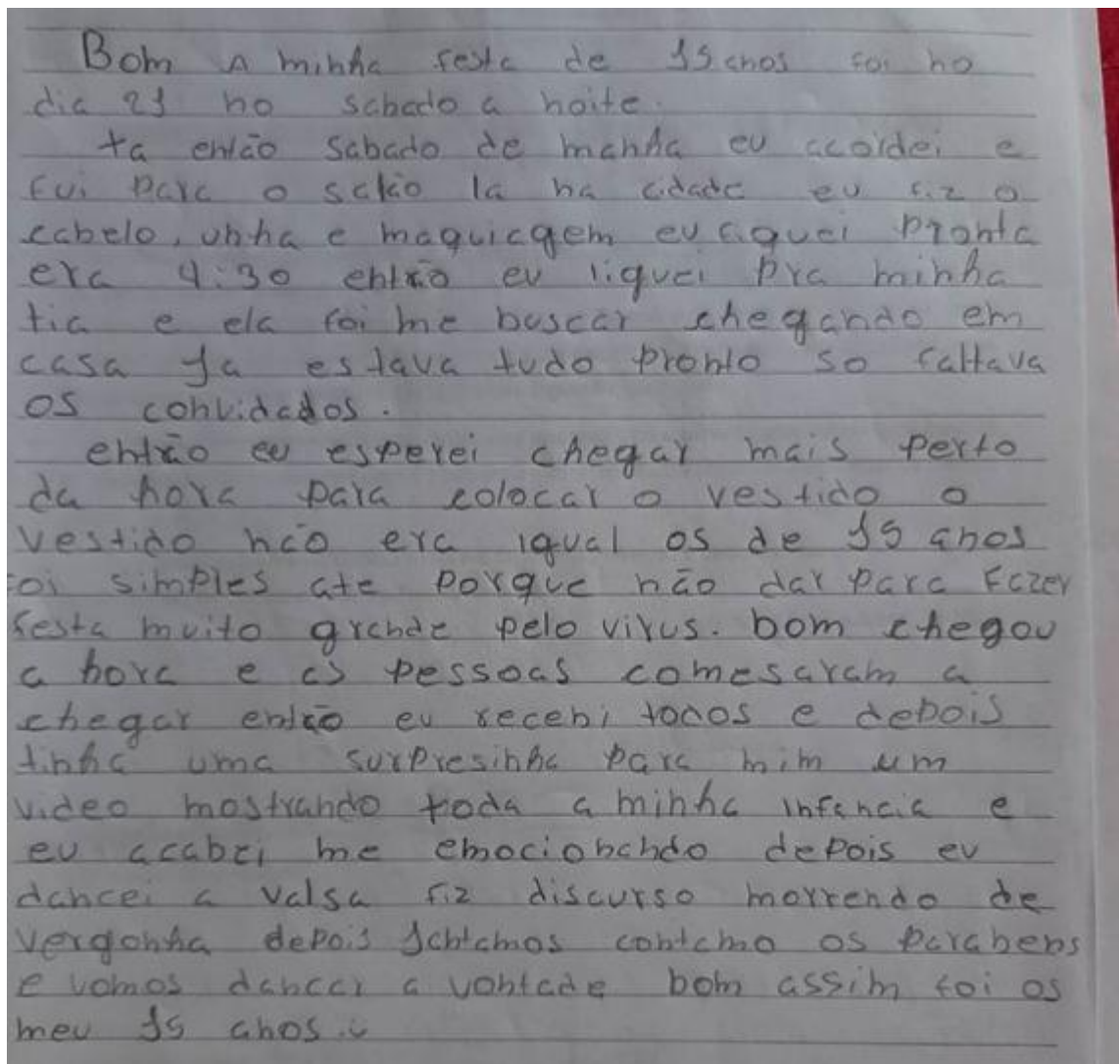
9. Quais suas facilidades e ou dificuldades ao aprender português?

Sim, porque aaa matéria de português que ensina muita coisa pra gente até mesmo falar mais certo mais complexo.

10. Você acha que o que você aprende em sala de aula de português auxilia você a se comunicar melhor no seu dia a dia?

Eu tenho um pouco de dificuldade para entender as regras daa, as regras do português ihhh eu tenho mais facilidade para ler eu ainda tenho mais facilidade, mas a dificuldade é para entender.

Produção escrita



APÊNDICE E – ENTREVISTA 5 (PAIS DE SANTO AUGUSTO)

1. Qual o teu nome e tua idade?

A. V. S. 13 anos

2. Em que cidade você nasceu?

Santo Augusto Rio Grande do Sul

3. Desde que ano você está aqui no assentamento e porque veio morar aqui?

Desde 2008 **viemos morar aqui para Santana do Livramento** por causa que meu pai ele era sem terra, daí ele ganhou a terra e **viemos morar mais para cá.**

4. Você gosta de morar aqui?

Sim, gosto de morar bastante aqui no assentamento.

5. Você gosta de estudar na escola São Leopoldo?

Sim, gosto.

6. Quem são as pessoas que moram com você?

Meus pais, minha irmã e meu primo.

7. O que você faz durante o dia quando não está na escola?

Ajudando meus pais.

8. Você faz parte de algum grupo na comunidade?

Não porque não temos muitos grupos aqui independente de ser da igreja ou ser um grupo de jovens

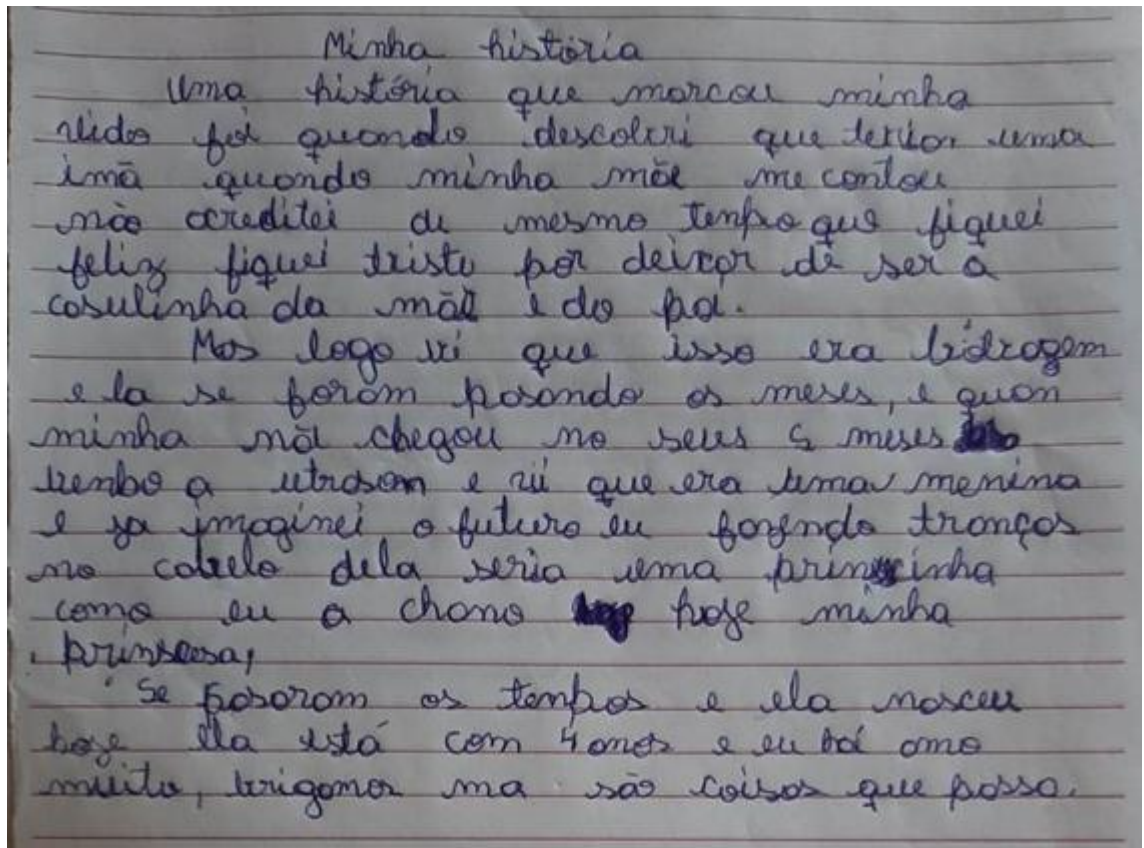
9. Quais suas facilidades e ou dificuldades ao aprender português?

Tenho muita Dificuldade em interpretar textos, **mas sou boa em** responder perguntas ou algum outro conteúdo novo.

10. Você acha que o que você aprende em sala de aula de português auxilia você a se comunicar melhor no seu dia a dia?

Sim, pois **ajuda a me comunicar** e aprender a escrever certo.

Produção escrita



APÊNDICE F – ENTREVISTA PROFESSORA

Entrevista com a Professora de Português

1. Qual o seu nome?

A. S.P. das N.

2. Qual sua formação acadêmica e experiência profissional?

Formação: Licenciada em Letras com habilitação em Português e Literaturas da Língua Portuguesa e Espanhola e respectivas literaturas; Especialização em Língua Espanhola e Literatura Hispânica; Especialização em LIBRAS/Português – Tradução/Interpretação; concluindo Especialização em Metodologia de Língua Portuguesa.

Minha experiência profissional: 17 anos que trabalho no município em 2004 prestei concurso público para atendente, trabalhei 12 anos em escolinha infantil. No

ano de 2016 prestei concurso público para professora na disciplina de Língua Portuguesa, onde trabalho há 5 anos. Hoje estou, além de professora, vice-diretora da E.M.E.F. no Assentamento São Leopoldo.

3. Qual seu maior desafio ao ensinar português?

Ministrar aulas de português é sempre um desafio, os alunos não gostam de gramática, pois existem muitas regras, variáveis e exceções, e nem de literatura.

Acredito que o conteúdo não deve ser algo isolado, ele faz parte de um todo. Por exemplo, a partir de um texto artístico, ou uma experiência que estejam vivenciando, a língua é comunicação, com a produção de textos e leituras com os alunos serão capazes de produzir, ler com clareza e concisão.

Outro **problema** são as diferenças regionais, adequar o conteúdo ao meio que vivem os alunos. Sentimos essa dificuldade nas escolas do campo, pois os materiais didáticos não são apropriados para essas comunidades. Ensinar a Língua Portuguesa de uma maneira que não se torne complicada ou difícil. Neste momento de pandemia, onde utilizamos muito das redes sociais, a tecnologia está sendo utilizada como uma ponte de troca de conhecimento, de cultura e explorar o uso da língua também.

4. Qual a metodologia usada para preparar suas aulas?

Utilizo muitas histórias em quadrinhos, explorando toda estrutura, figuras de linguagem. Tento adequar os conteúdos de outras disciplinas para trabalhar gêneros textuais e aplicar a gramática, recortes, colagens, aulas de culinária, jogos.

5. Quais materiais didáticos você utiliza em sala de aula?

Música, receitas, poesia, gibis, jogos, bingos, desenhos.

6. Você considera importante a relação professor x aluno para aprendizagem do Português? Por quê?

Um ambiente saudável para sentir-se à vontade, na qual tenhamos vontade de entrar e retornar no dia seguinte é gratificante, mas sabemos que nem sempre é assim.

Muitos alunos conceituam as aulas chatas e cansativas, reclamam de tudo, como se estudar fosse um castigo.

Entretanto, devemos lapidar essas pedras preciosas. Nossa missão como professor e mediador da aprendizagem do aluno é de grande importância para os discentes, ou seja, um processo de avanços e conquistas de ambos os lados.

No momento que se tem um bom relacionamento em sala de aula, o aprendizado evolui e passa ter um maior envolvimento entre professor e aluno.

7. Quais estratégias você utiliza para motivar o aluno em suas aulas?

Os alunos sentem-se desmotivados por diferentes causas, dificuldade de aprendizagem, acham chato estudar, aprender, problemas familiares ou tem que trabalhar para ajudar a família. Isto não é tarefa fácil.

Procuro algo que estimule o cognitivo desses alunos, situações positivas em que eles sintam-se seguros e confiantes. Explorar no aluno suas competências, eficácia, aspectos positivos, assim recuperar sua autoestima.

8. Como você trabalha em sala de aula as variantes e variáveis encontradas tanto nas falas, como na escrita dos alunos?

Trabalhar as características geográficas e históricas de autores renomados da nossa literatura, identificando essas variações. Após os alunos irão produzir um texto com as variações do seu estado de origem.

9. Quais as facilidades e dificuldades que você percebe nos alunos ao aprender Português?

Não é nada fácil ensinar Português. Exige muita habilidade e a dificuldade é a falta de leitura, a qual acarreta ao mau uso da escrita, neste momento de pandemia, onde pais e filhos estão mais envolvidos, todos tiveram que se reinventar, se adaptar às mudanças.

10. Qual a metodologia e o tipo de avaliação que você utiliza nas práticas de ensino e aprendizagem nas aulas de Português?

Metodologia: aulas mais dinâmicas.

Avaliação: dura todo o processo, é contínua.

ANEXO A – FOLHA DE AUTORIZAÇÃO DO ALUNO



Campus Unipampa Jaguarão – Rua Conselheiro Diana, s/n,
CEP: 96.300-000. Jaguarão – Rio Grande do Sul
E-mail: jaguarao.unipampa@unipampa.edu.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE VOZ E PRODUÇÃO TEXTUAL

Pelo presente documento, eu, _____ ou responsável abaixo assinado(a) autorizo o uso de relatos gravados em áudio, bem como produções textuais concedidos à acadêmica **Francilene Cezar Gonçalves** da disciplina de **Trabalho de Conclusão de Curso I**, como coleta de dados para fins de pesquisa acadêmica. Esta disciplina faz parte do Curso de Letras Língua Portuguesa e respectivas literaturas EaD, Campus Jaguarão, UNIPAMPA.

Estou de acordo que o uso dos dados aqui disponibilizados servirão para subsidiar os estudos de **Trabalho de Conclusão de Curso I**, compondo o banco de dados científico-acadêmicos do referido curso.

A autorização ora concedida se dá em caráter não oneroso e declaro ainda que nada me será devido a título de direitos conexos ou qualquer outro.

Jaguarão, 05 de outubro de 2020.

Nome do(a) Responsável:

Entrevistado (a):

Endereço:

Data de Nascimento:

RG: CPF:

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA PROFESSORA



Campus Unipampa Jaguarão – Rua Conselheiro Diana,s/ nº,
CEP: 96.300-000. Jaguarão – Rio Grande do Sul
E-mail: jaguarao.unipampa@unipampa.edu.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA FINS DE COLETA E PUBLICAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA

Eu, _____ autorizo que os dados coletados nas entrevistas realizadas pelo(a) discente **Francilene Cezar Gonçalves** – regularmente matriculada no curso abaixo referido -, para a realização de trabalho acadêmico (modalidade entrevista anotada e ou gravada em áudio) referente à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, ministrada pela Profa. Aden Rodrigues Pereira, no primeiro semestre de 2020, no Curso de Letras Português Licenciatura, modalidade a distância, sejam exclusivamente disponibilizados para fins de pesquisa acadêmica.

Jaguarão, 06 de outubro de 2020.

Nome da professora:

Endereço:

CPF:

Telefone de Contato: